

“Não se trata de congelamento com a PEC. É redução de gastos”

Esther Dweck, professora da Economia

O primeiro dia de paralisação dos docentes contra a PEC foi de aula pública na tarde de sexta-feira, 11. Nas escadarias do IFCS, Esther Dweck mostrou a fragilidade da proposta do governo Temer para a crise econômica. “Está se usando uma situação conjuntural para amedrontar a população e apresentar uma solução mágica”, criticou a docente, também assessora da Comissão de Assuntos Econômicos do Senado. “Não existe solução mágica. Uma única lei não vai resolver todos os problemas”, argumentou pouco depois de dar a seguinte entrevista para a reportagem da Adufrj:

O que vai acontecer com a universidade, caso a PEC seja aprovada?

>> Haverá uma diminuição dos recursos disponíveis. O congelamento do teto vai reduzir, a cada ano, os gastos mínimos para educação, afetando não só custeio, como salários e infraestrutura. Será reduzida também a verba para a área de Ciência e Tecnologia. A expansão dos campi vai parar e os novos não vão conseguir se sustentar.

O Brasil precisa cortar gastos públicos?

>> Não. A situação fiscal não é confortável e a dívida é grande, mas a PEC é a pior maneira de resolver este problema. Em relação à situação fiscal, o déficit é resultado da queda de arrecadação e não do gasto público. Quanto à dívida, não é culpa do gasto e, sim, dos altos juros que são praticados no Brasil.



EFEITOS NAS UNIVERSIDADES

“Expansão dos campi vai parar e os novos não vão conseguir se sustentar”

Como reverter a queda do PIB?

>> A melhor forma para reverter isso seria justamente aumentar o gasto público para reacender a economia. Os programas de distribuição de renda que se pretende cortar contribuem para crescimento da economia. Na verdade, a solução não está nos cortes, mas em aumentar os investimentos para voltar a crescer.

E a estrutura tributária não pode contribuir para aumentar a receita?

>> Resta ainda a mudança da estrutura tributária que, no Brasil, é muito desigual. Ela taxa pouco as grandes rendas e taxa muito o consumo.

JAN NIKLAS JENKNER

Estudante da ECO-UFRJ e estagiário da Adufrj

Paralisação dia 25

Participe das atividades organizadas pela Adufrj. Programação será divulgada no site e nas redes sociais



CNPq: governo volta atrás

> Após pressão da comunidade acadêmica, agência não será mais rebaixada

ELISA MONTEIRO

elisamonteiro@adufrrj.org.br

O governo federal voltou atrás na proposta de “rebaixar” o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, na hierarquia do Ministério de Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações. Mais: as bolsas de Iniciação Científica cortadas serão repostas e as de pesquisadores — ameaçadas de corte — serão preservadas.

As informações foram divulgadas pelo

novo presidente do CNPq, Mario Neto Borges, durante reunião com Membros de Comitês de Assessoramento, em Brasília, no dia 9. O vice-diretor da Coppe, Romildo Toledo Filho, que representa os Titulares do Centro de Tecnologia, repassou as boas novas ao Conselho Universitário deste dia 10.

Na reestruturação anunciada em meados de outubro, a agência de fomento ficaria subordinada a uma “Coordenação Geral de Serviços Postais e de Governança e Acompanhamento de Empresas Estatais e Entidades Vinculadas”, que

englobaria ainda a Finep, a Agência Espacial Brasileira e a Comissão Nacional de Energia Nuclear.

“Ele anunciou que as bolsas de Iniciação Científica que haviam sido cortadas devem voltar”, relatou Romildo. “Em relação às bolsas de pesquisador, que seriam reduzidas entre 20% e 30%, o novo presidente do CNPq disse também que não mais haverá este corte”.

“Teremos de ficar atentos às ações que visam enfraquecer o desenvolvimento científico e tecnológico brasileiro”, avaliou o professor da Coppe.

Novo alojamento, velhos problemas

> Prédio foi entregue em outubro. Instalações já estão quebradas. Reitoria anuncia reparos

SILVANA SÁ E JAN NIKLAS JENKNER

comunica@adufrrj.org.br

A novela do alojamento estudantil não terminou com a inauguração do prédio. Um mês depois da entrega das chaves, portas já estão estufadas e quebradas, há prateleiras e armários despencando, infiltrações, ralos entupidos, janelas quebradas e quartos sem pintura.

“Aqui, todo mundo tem uma reclamação”, disse Thiago Moreira, estudante da Farmácia. “Nosso armário caiu, a água volta pelo ralo, a casa está só na massa corrida”, completou.

O uso de materiais de baixa qualidade no acabamento dos apartamentos é outra queixa. “Escolheram justamente compensado como material das portas dos boxes dos banheiros. Elas vão apo-

drear rapidamente”, aponta Erijhone Mascarenhas, do Direito. Os alunos também reclamam que eletrodomésticos prometidos pela reitoria não foram entregues.

A reitoria responde que, no dia 24 de novembro, a empresa Engenew iniciará uma operação para realizar reparos nos apartamentos. Segundo o pró-reitor de Gestão e Governança, Ivan Carmo, o termo assinado pelos moradores na entrega das chaves informava que, devido à obra estar em fase de aceite, havia possibilidade de os apartamentos apresentarem imperfeições.

Sobre os materiais da obra, a reitoria afirma que estão de acordo com as especificações do projeto e foram aprovados pela equipe de fiscalização. Geladeiras e micro-ondas serão entregues em até 60 dias; ventiladores, até o fim do ano.



Silvana Sá



FRAGILIDADE Estudantes criticam qualidade dos materiais usados na reforma da residência